



## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS PROJETOS DE ATIVIDADES EDUCACIONAIS COMPLEMENTARES <sup>1</sup>**

MATEUS, Rosemeire Aparecida <sup>2</sup>

### **RESUMO**

O texto apresenta uma análise dos Projetos de Atividades Educacionais Complementares de Educação Ambiental da Secretaria de Estado da Educação – SEDUC-GO. A análise por meio de assessoramento e acompanhamento das ações de Educação ambiental nas escolas, de forma a contrapor as práticas ingênuas e pontuais de EA, visando o enfrentamento das “armadilhas paradigmáticas” como possibilidade da ação pedagógica do professor, na busca de práticas efetivas para melhorar a qualidade de vida na escola.

**Palavras-chave: educação ambiental; PRAEC; transversalidade.**

### **Introdução**

No estado de Goiás, a Secretaria Estadual de Educação - SEDUC vem implantando programas de diferentes abordagens em atendimento às indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a reflexão dos Temas Transversais. Dentre diferentes projetos implantados, onde o destaque maior vem sendo dado aos de Educação Ambiental (EA), dentro da sistemática dos Projetos de Atividades Educacionais Complementares (PRAEC).

No acompanhamento da implantação e execução do PRAEC, é possível identificar a diversidade de práticas pedagógicas nas diferentes realidades, e as interações dos diversos atores envolvidos, buscando vivenciar a transversalidade da dimensão socioambiental no cotidiano escolar. Que transita entre dois pólos: do desânimo, da impossibilidade, e do desalento até o pólo oposto; onde cada momento é visto “como a possibilidade de reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia” (FREIRE, 1996).

### **Institucionalização da EA na SEDUC de Goiás**

A Educação Ambiental é realidade na escola. A partir de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação prevê que os currículos da educação básica possuam uma base nacional comum, a ser continuamente complementada e revista em cada sistema de ensino

---

<sup>1</sup> Texto produzido para a coletânea da Secretaria de Estado da Educação de Goiás, tendo por base trabalho final apresentado como parte das exigências do Programa de Especialização em Educação Ambiental da Universidade Federal de Goiás.

<sup>2</sup> É professora efetiva da Secretaria de Estado da Educação, é licenciada em História pela Faculdade de Filosofia Cora Coralina, é Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Goiás, é Especialista em Formação Sócio Econômica do Brasil pela Universidade Salgado de Oliveira e é Responsável pelo Núcleo de Educação Ambiental da SEDUC-GO. e-mail - [rosemeiremateus@gmail.com](mailto:rosemeiremateus@gmail.com)



e estabelecimento escolar, composta por características regionais e locais. Essa parte local específica tem sido desenvolvida a partir da orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). O que nos interessa neste artigo, é o PCN de Meio Ambiente, e tem como objetivo de difundir os princípios e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias, como subsídios à elaboração e/ou reelaboração do currículo, visando à construção do projeto pedagógico em função da cidadania do aluno. (BRASIL, 1997).

Neste sentido torna-se fundamental construir momentos próprios para a formação dialógica e continuada para os professores, onde seja vivenciada a troca de informação, experiências e aprendizados, que a rica diversidade de contextos socioambientais específicos coloca para esses atores. Ao mesmo tempo, esta formação deve apoiar a capacidade de autonomia, criatividade e compromisso com a transformação da realidade local, no sentido da preservação da vida.

Em atendimento ao MEC, a Secretaria Estadual de Educação de Goiás - SEDUC, a partir de 2000, organiza o PRAEC, visando dar unidade aos trabalhos específicos dos temas transversais, possibilitando aos professores uma carga horária para se dedicarem aos projetos como parte integrante da proposta pedagógica da escola.

Com a institucionalização do PRAEC, inúmeras atividades estão sendo desenvolvidos nas escolas proporcionando maior diálogo e reflexão acerca do ambiente e dos seres que o habitam. Criando conceitos e valores, fomentando a cultura de paz, o esporte, a arte, a educação ambiental, e outros. Diversificando as atividades curriculares como: oficinas de leitura, produção de texto, produção de jornal, teatro, artes plásticas, jogos matemáticos, xadrez, dança, coral, atividades recreativas, atividades esportivas, criação de horta escolar, oficinas de reciclagem, arborização, reflorestamento e salvamento de nascentes das comunidades próximas da escola.

Acreditamos na EA como dimensão da educação, que pode nos ajudar a juntar e a refletir nossa vida, nosso cotidiano no mais íntimo ao macro de nossas relações.

Vários autores que analisam a prática de EA nos espaços formais do ensino, como GUIMARÃES, MORAES, OLIVEIRA, SATTO, entre outros, reforçam em suas reflexões a importância do professor assumir-se como responsável pela vida na Terra, estabelecendo um compromisso com a sua prática pedagógica voltada para a transformação da realidade socioambiental do nosso tempo.

A dimensão ambiental, do ponto de vista educacional, não é uma questão de conhecimento apenas, mas também da construção de atitudes, valores e hábitos. É um



valor social e educacional de enorme transcendência para a sobrevivência individual e coletiva dos sistemas vivos. A dimensão ambiental,

deveria também estar presente nos projetos educativos de maneira central e fazer parte dos valores a serem transmitidos de maneira transversal. Em nossa opinião, deveria se constituir num eixo central do currículo a ser explorado de maneira interdisciplinar. Como valor, requer um tratamento que vai além da informação no sentido de promover no ser humano uma postura interna de reverência pela vida, ao perceber que a vida no planeta depende também da participação de cada um de nós. Quem respeita a vida não a destrói, não a mutila e nem a condena. (MORAES, 2004, p. 137).

A razão de ser desse trabalho se sustenta em nossa própria busca, feita cotidianamente no trabalho com professores da educação básica da rede pública estadual de Goiás. Em sua maioria, as escolas realizam seus projetos com ética e zelo, e buscam parcerias com a comunidade. Isso é demonstrado no apoio da equipe gestora escolar e no empenho e profissionalismo do professor e estudantes, que tem conquistado prêmios de instituições estaduais e nacionais.

A situação desses projetos ganha conotações diferenciadas em realidades específicas no Estado a depender de vários fatores desde: a) interesse do professor responsável em trabalhar de forma interdisciplinar, possibilitando uma ação coordenada com diferentes áreas do conhecimento; b) capacidade de articulação por parte do professor responsável para mobilizar a comunidade escolar, os pais e grupos sociais na comunidade, gerando diversas parcerias; c) apoio efetivo dos gestores atuando de forma estimuladora ou não, priorizando o projeto como espaço de integração temática e; e) a inserção do PRAEC no projeto político-pedagógico da escola, direcionando recursos para o desenvolvimento das atividades.

Diante dessa realidade, apresentamos uma análise desses projetos no cotidiano escolar, objetivando conhecer o alcance da EA nas escolas estaduais, tendo como baliza a transversalidade dos conteúdos, uma vez que, GUIMARÃES (2007) afirma que há uma grande permanência de ações pontuais e descontextualizadas de Educação ambiental nas escolas, como datas comemorativas, predominando posturas pouco críticas, levando a reprodução do discurso dominante, conservador, refletido em práticas ingênuas, apesar de bem intencionadas.

A transversalidade possibilita compreender a Educação ambiental como prática pedagógica que não se realiza sozinha, mas nas relações do ambiente escolar, na interação entre diferentes atores, conduzida pelos professores. (GUIMARÃES, 2007, p. 38). Pensar a Educação ambiental como realidade transversal, é propor a compreender a complexidade



das temáticas socioambientais; da teia de relações com o econômico, o político, o social e o cultural. Compreender esse paradigma é urgente: ampliar para a contextualização e o conhecimento, do fato de sermos seres vivos e sermos parte do todo que é o Universo. Reconhecer nossa identidade terrena e biológica, econômica, cultural e pessoal não dissociada. Convivemos e somos resultado de interações.

Os professores, em sua prática escolar, vivenciam uma rede de relações humanas e de saberes, que contrastam o ser e estar da práxis imbricada de conflitos cotidianos sejam entre estudantes, pais, professores, colegas, equipe gestora, parceiros de instituições públicas e/ou privadas e os próprios conflitos da prática pedagógica cotidiana – consigo mesmo, o educador busca cotidianamente um sentido ‘ser no mundo’. O que se sobressai nas práticas dos professores, é a transposição de dificuldades, as “transformações microambientais, a renovação da força nos Valores Humanos, a coragem de sonhar estão vinculados a uma incessante sucessão de dias e noites, e só levantamos diariamente para sairmos com dignidade na luz do dia porque acreditamos no amor incondicional à Vida”. (SILVA, 2005, p. 50)

Os projetos analisados foram aqueles desenvolvidos na Rede Pública Estadual de Ensino de Goiás, em 2008 (anexo 01). Neles foi possível constatar que, nos projetos de EA estão envolvidos 269 professores responsáveis e mais de 7.000 estudantes que atuam 20h semanais na execução das ações, que abordam temas diferenciados como: sensibilização da comunidade para as questões ambientais; estudo do meio, ações de cuidado ambiental; produção de vídeos ambientais; estudo de documentos de EA, através de oficinas; horta escolar para alimentação saudável e como tema gerador para atividades pedagógicas; produção de viveiro escolar para atividades de jardinagem e reflorestamento com espécies do cerrado; frutíferas, arbóreas e medicinais; recuperação de nascentes e mata ciliares da comunidade local e coleta seletiva de resíduos para reciclagem.

Em diagnósticos feitos em algumas unidades escolares da Rede Pública Estadual de Ensino de Goiás, verificamos que no desenvolvimento dos projetos de EA uma porcentagem significativa deles, aproximadamente 70% são projetos pontuais. São bons projetos, porém carecem de continuidade e de maior envolvimento dos estudantes e da comunidade. Mesmo os projetos que foram elaborados tendo em vista a realização da semana do meio ambiente, que em tese é limitado a um determinado período, são marcados pela segmentação e descontinuidade; 20% são projetos que visam à instrução ambiental, de curta duração, não apresentaram resultados pedagógicos; 10% são projetos com ação continuada e impacto na comunidade escolar e local, estes alcançaram os resultados esperados. Constatamos que a EA como atividade transversal permanece como desafio a ser rompido no cotidiano das



escolas. Acreditamos que a resposta passa pela formação continuada, que podem ser por meio de oficinas pedagógicas - conhecer e reconhecer – focando a troca de experiências. Buscando a percepção nos textos teóricos, nas discussões de conceitos, na revisão da prática e do trabalho desenvolvido.

Como seria a formação continuada de professores em EA tendo como base a transversalidade? O grupo será constituído em cada uma das 38 regionais da SEDUC, abrangendo todo o Estado de Goiás, e devidamente aprovado pelo Conselho Estadual de Educação. Com quatro encontros anuais, sendo dois deles presenciais, realizado com os professores envolvidos no PRAEC em momentos:

- a) levantamento da avaliação que os próprios atores tem sobre sua ação;
- b) identificação de processos e conteúdos que estes atores julgam importantes para a sua formação;
- c) identificação de elementos potencializadores e limitadores existentes na comunidade escolar e local;
- d) experienciar os onze eixos formativos de educadores ambientais (anexo 02) como sugere Mauro Guimarães in *A formação de educadores ambientais* (2007, p.173 e 174). Como meio de reconhecer a ‘armadilha paradigmática’ que os educadores estão expostos em suas ações cotidianas.

### **Considerações Finais**

A transversalidade da EA no cotidiano escolar é realidade que depende da ação direta do gestor e da especificidade da comunidade escolar. Esta realidade nos desafia. É fundamental compreender qual o sentido que os professores dão à EA. Se for um sentido instituinte, que em cada ato pedagógico renova o elã vital da EA, possibilita que ela seja pluridimensional, construindo outra lógica, que não a disciplinar. Para fecundar o imaginário humano e possibilitar a emancipação de todos que participam dela. Se for um sentido instituído, transforma a EA num ato superficial, pontual e instrumentalizado com o seu potencial transformador enfraquecido.

Para nós, a efetivação dos projetos passa pelo reencantamento da educação e do educador. É mergulhado na prática que o professor desenvolve a EA e suas implicações na transformação do conhecimento, dos valores e das atitudes de uma nova realidade a ser construída – notadamente na escola, lugar privilegiado da reprodução de valores e convívio das gerações futuras e presentes.



## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Apresentação dos Temas Transversais e Ética/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 8 v.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148p.

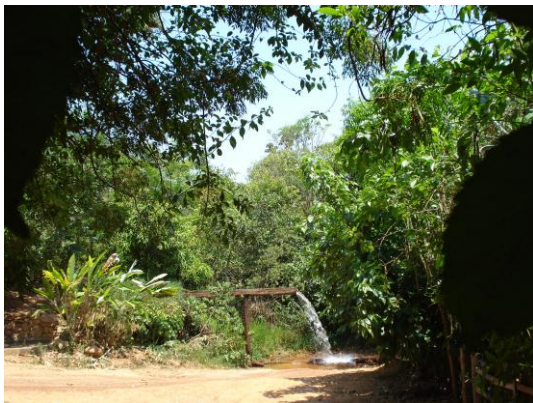
GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004. 174p.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. São Paulo: Papyrus, 1997. 239p.

SILVA, Rodrigo Moreira da. **“Pescando pescadores – uma experiência de Educação Ambiental em Valores Humanos junto com pescadores da Vila Anselmi em busca do conhecimento ecológico”**. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Fundação Universidade Federal do Rio Grande/FURG, Rio Grande, 2005. 105 p.

## Anexo 01



**PRAEC Córrego da Serra – Rubiataba**



**PRAEC Horta Escolar e Sala Ambiente – Sto. Antonio do Descoberto**

- Primeiro eixo – Exercitar o esforço de ruptura com a armadilha pragmática.
- Segundo eixo – Vivenciar o movimento coletivo conjunto, gerador de sinergia.
- Terceiro eixo – Estimular a percepção e a fomentação do ambiente educativo como movimento.
- Quarto eixo – Formar o educador ambiental como uma liderança que dinamize o movimento coletivo conjunto de resistência.
- Quinto eixo – Trabalhar a perspectiva construtivista da educação na formação do educador ambiental, já que a perspectiva da educação como transmissora dos



conhecimentos sistematizados (educação bancária) ainda é extremamente consolidada nas práticas dos educadores.

- Sexto eixo – Fomentar a percepção que o processo educativo se faz aderindo ao movimento da realidade social, para, por meio do movimento, transformar a realidade (metáfora do rio).
- Sétimo eixo - Trabalhar a auto-estima dos educadores ambientais, a valorização de sua função social, a confiança na potencialidade transformadora de sua ação pedagógica articulada a um movimento conjunto.
- Oitavo eixo – Potencializar a percepção de que o processo educativo não se restringe ao aprendizado individualizado dos conteúdos escolares para a mudança comportamental do indivíduo, mas na relação do um com o outro, do um com o mundo. A educação se dá na relação.
- Nono eixo – Sensibilizar o educador ambiental para uma permanente autoformação eclética, permitindo-lhe transitar das ciências naturais às ciências humanas e sociais, da filosofia à religião, da arte ao saber popular, para que possa atuar como um interlocutor na articulação dos diferentes saberes.
- Décimo eixo – Exercitar a emoção como forma de desconstrução de uma cultura individualista extremamente calcada na razão, e a construção do sentimento de pertencimento ao coletivo, ao conjunto, ao todo, representado pela comunidade e pela natureza.
- Décimo primeiro eixo – Estimular a coragem da renúncia ao que está estabelecido, ao que nos dá segurança, e a ousadia para inovar.